

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 18 de Janeiro de 2017**

Texto de referência: L. Giussani, Porquê a Igreja, Porquê a Igreja, Verbo Ed., Lisboa 2004, pp 160-181

- *Monologo di Giuda*
- *E se domani*

Gloria

Retomamos a segunda parte do capítulo: «*O factor humano*», intitulado «*Implicações*». Don Giussani parte de uma observação que pode parecer banal mas que ele considera crucial. «Se o divino escolhe o humano como método de comunicação de si mesmo, o homem que acolhe tal método, o cristão, torna-se e permanece instrumento do divino conservando o seu temperamento particular. Esta afirmação pode parecer duma banalidade colossal, mas sou levado a dizer isto para mostrar o erro que consiste não apenas em rejeitar tal observação mas, também, na objecção que costuma suceder-lhe». (p. 160). Don Giussani adverte-nos que só no papel a questão do temperamento pode parecer uma banalidade, mas todos sabemos que depois, na realidade, em tantas ocasiões a questão do temperamento torna-se uma objecção. Por isso não basta repetir que o humano é um instrumento do divino ao ponto de co-envolver o temperamento. Porque se depois o temperamento se torna para nós uma objecção, então já não é instrumento de comunicação do divino, mas é um obstáculo em vez de um instrumento. Por isso, é preciso olhar para esta objecção no dia-a-dia, na vida, para ver como enfrentar este obstáculo de forma a poder superá-lo. Por isso don Giussani diz-nos que o cristão «faz o lume com a lenha que tem» e que «A potência de Deus passa através do condicionalismo do tipo humano de quem se serve». E sublinha – vejam como don Giussani não diz uma única frase, (que nós pelo contrário tantas vezes damos como óbvia na sua evidência) sem indicar o passo existencial onde nós nos bloqueamos –: «E é esta passagem que somos chamados a reter». (p. 162) Cada um de nós deve fazer esta pergunta: onde é que eu percebi esta passagem? No trabalho desta Escola de Comunidade, o que é que eu aprendi, que caminho fiz?».

Quando eu li na página 162 que «a comunicação de Deus encarna no temperamento do homem. Isto constitui uma “condição” que Deus aceita e transforma em “instrumento do Seu desígnio de salvação”», dei-me conta que para Deus o temperamento não é só uma objecção mas é sobretudo um método. Assim veio-me à cabeça um outro livro de don Giussani que tinha comprado há uns anos porque tinha gostado do título: “Do temperamento, um método”. A certa altura, num dos encontros, falamos exatadamente deste capítulo do “Porquê a Igreja?” e uma pessoa colocou a don Giussani uma pergunta que eu também tenho no meu coração. «Don Giuss, dei-me conta que o meu temperamento durante um certo período foi para mim um obstáculo, mas agora parece-me aceitá-lo como uma condição que me é dada. É suficiente isto ou é preciso mais alguma coisa? Ou seja, adequar-se ao outro temperamento?» E ele responde: «Em primeiro lugar, se o Senhor se apresenta ao teu temperamento, é como se o Senhor se apresentasse em tua casa, batesse à porta e tu tivesses ali o quarto todo feio cheio de ratos, aranhas, baratas. E tu ficas zangada contigo porque deixaste a casa assim. Mas se o Senhor

decide apresentar-se em tua casa, o que é que tu tens de fazer? “Senhor, perdoa-me e ajuda-me.” Chega. E depois, faz esta afirmação capital: “não há nenhuma condição que possa impedir a procura e a aceitação de Jesus. Nem no sujeito ao qual Cristo se apresenta nem na modalidade com a qual Cristo se apresenta. Deus no Antigo Testamento, serviu-se da burrinha”.» (Dal temperamento un metodo, *Bur, Milano* 2002, p. 102). *Nos Exercícios da Fraternidade do ano passado, citando don Giussani, tu tinhas recordado que o milagre da misericórdia é o desejo de mudar. Isto implica aceitar-se por que de outro modo não seria desejo de mudança mas pretensão e presunção. E não seria confiar-se a um Outro. (Generare tracce nella storia del mondo, Rizzoli, Milano 1998, p. 187-188). Por isso, aceitar o meu temperamento, assim como o dos outros e a sua liberdade, não é um problema em primeiro lugar, psicológico, mas de relação pessoal e única com o Mistério que me faz. Parece-me que isto tenha a ver com aquilo que nos diz o Papa Francisco na carta de 30 de Novembro, ao citar Santo Agostinho. Porque se não cedo ao método de Deus que aceita e transforma o meu temperamento em instrumento do seu desígnio de salvação, como posso ser pobre em Deus?”*

Então, a propósito das citações que fizeste, qual é o primeiro lugar onde cada um deve perceber esta passagem? Não é em primeiro no temperamento dos outros, mas no nosso. Parece uma banalidade, mas muitas vezes é precisamente isto que nos bloqueia. Pergunta uma pessoa por email: «Mas porque é que o meu temperamento deve ser um dom?». Porque é dado. Foi-te dado! Se o Senhor decide bater à porta do teu temperamento – diz Giussani –, não há sujeito a quem Cristo se apresenta ou modalidade com a qual Cristo se apresente, que não possa ser ocasião para O acolher. Não há nenhuma condição que possa impedir isto. A quantas dificuldades nos pouparíamos se aceitássemos simplesmente a modalidade com a qual o Senhor bate à porta da nossa humanidade. Nenhum temperamento pode impedir que Jesus bata à minha porta, à porta do temperamento que me deu. Mas acolhê-Lo como veem não é automático.

Impressionou-me muito retomar esta parte da Escola de Comunidade e surgiu-me uma pergunta olhando para aquilo que acontece em mim, que gostaria de aprofundar. Há vezes em que tens uma coisa na cabeça, que é verdadeira, porque a viveste e fizeste experiência dela, e que se pode realizar melhor segundo um temperamento que tu tens. Algumas vezes acontece ter a experiência de Giussani quando, referindo-se à sua experiência diz «Era o meu próprio temperamento, o meu próprio tom de voz, o modo com que expunha e enfrentava os problemas que sortia o efeito de esclarecer uns e de irritar outros». Ele chega a esta conclusão livre, que me surpreendeu muito e que eu desejo: «Por isso, preocupe-me em chamar a atenção a mim próprio e aos outros para o risco [...] esquecer que o elemento que está em jogo é precisamente o amor à verdade.» (p. 162) Podes ajudar-nos a compreender melhor este “amor à verdade”? O que é que te sustenta, e te faz ter paciência, quando o teu tom para chegar a verdade, e que tens na tua cabeça, não se realiza logo ou através da modalidade que tinhas na cabeça? Há momentos em que aquilo que tu intuis ser verdadeiro pode não ser reconhecido logo. Eu dou-me conta que não sou assim tão livre para pensar que vão bem, tanto o fogo “crepitante” como o “fumo” e o “mal-estar”, e que tudo pode concorrer para o Seu desígnio de salvação.

Mas tu estás sempre certa de que a modalidade com que enfrentas a situação ou o teu modo de comunicar é sempre verdadeiro e é o único adequado?

Não.

“Não”! Às vezes, nem sempre, mesmo que passe através de um temperamento, a nossa pode não ser a modalidade mais adequada de se exprimir. Quantas vezes me aconteceu aprender pela reação dos outros que era para mim uma ocasião para aprender qualquer coisa! Muitas vezes, antes de culpar o meu temperamento ou o fechamento dos outros, penso que se calhar não fui suficientemente claro ou que não encontrei a chave de entrada na relação com esta ou aquela pessoa. Primeiro eu tentaria ver se a razão da recusa é uma questão de temperamento ou se é algo que me é dado para dar um passo, para encontrar um caminho mais adequado para comunicar a verdade. Aprendi muito a este nível. O segundo ponto tem a ver com o método de Deus, porque ainda que se comunique de forma certa, muitas vezes como Deus escolhe um para chegar a outros, nem todos O reconhecem ao mesmo momento. Tu podes ter visto uma coisa que tens dificuldade “passar” aos outros. E isto faz-te pensar que, com toda a paciência que Deus teve connosco, podemos também nós tê-la para os outros. E depois – terceiro – é o que *don* Giussani diz mais à frente no capítulo: «A Igreja, pelo contrário, foi salva ao longo dos séculos por quem, perseguindo o verdadeiro e o real, amando o valor e o ideal, não se escandalizou com os limites». E dá o exemplo de São Francisco: «São Francisco [...] não se escandalizou com as divisões ou a violência que abalavam a Igreja do seu tempo, nem com as guerras fratricidas que opunham cristãos a cristãos mas, tocado por Deus depois de uma juventude frívola, lança-se numa luta que não é «contra» ninguém [imaginando que exista alguém contro], é “por” Alguém». (p. 171-2). Aquilo que pode manter a tensão, é o procurar afirmar alguma coisa para Alguém, não contra alguém. E esta possibilidade existe sempre. Por isso, «A grande ilusão é deixar-se contrariar pelo erro próprio ou de outrem», com efeito para *don* Giussani: «O compromisso pessoal, que não exclui uma atitude crítica mas não se detém nela, é um problema de moralidade elementar». (p. 172) E convida-nos a imaginar «uma mulher casada, com um filho pequeno [...] Um dia a criança adocece [...] Finalmente chega o marido e pede-lhe ajuda. Ele, contudo [...] está cansado de trabalhar todo o dia. Então senta-se a ler o jornal [...] Qual será a reacção da mãe? Dirá, porventura, “bem, se para ele isto não tem importância, então também não me vou preocupar”? Ou, antes, actuará sem se deixar arrastar pela preguiça do marido?» (p. 173). É como se tudo isto pusesse em movimento um caminho humano, humaníssimo, que nos chama à verdade: Eu renunciaria afirmar a verdade porque o outro não a percebe? É como se naquele momento também nós tivéssemos de fazer uma escolha perguntando-nos: porque é que eu faço aquilo que faço? Para que os outros o acolham ou pela minha paixão pela verdade, ainda que eu ficasse sozinho. Como dizia *don* Giussani: se tivesse ficado sozinho teria recomeçado do início. Ainda que eu esteja sozinho no meu trabalho, ainda que esteja sozinho no meu ambiente, ainda que esteja sozinho na minha família, onde quer que seja, o amor à verdade, o fazê-lo “para” Alguém, pode dar-me a razão suficiente para não desistir ainda antes de começar. Por isso é uma bela luta: «O facto cristão, com a sua realidade e a sua força paradoxais, faz emergir o verdadeiro desejo do homem» (p. 173), e acima de tudo, não o desejo do outro homem, mas o meu, o meu!

Um segundo grupo de intervenções faz referência à lindíssima metáfora do ouro e da lama. (p. 163)

Sim. Lendo o texto fui continuamente tocada por esta metáfora do ouro; assim, a certa altura, perguntei-me, o que seria o ouro para mim e como é que está presente na minha vida. Entristeci-me logo, ainda que no fundo soubesse que tinha o desejo de perceber. Por isso te digo com franqueza, que me parece sempre que o ouro, ou seja, o reconhecimento de Cristo que chega até mim, para mim é uma questão de segundos

mais ou menos fogazes. É como naqueles videogames “os únicos que já joguei” em que tu és o homenzinho que corre ao longo de um percurso definido e de vez em quando, saltando, consegues apanhar em cima bônus que te dão uns pontos a mais, e talvez te tornem mais rápido durante alguns segundos. E a mim parece-me que o reconhecimento de Cristo na minha vida é assim. Eu não sei se é um problema de temperamento. Talvez sim. Às vezes Cristo está, às vezes não está. E tudo se precipita num abismo, como o interruptor da luz: aceso, apagado. Mesmo que seja um problema de temperamento, a questão que me perturba permanece porque eu não desejo viver sempre assim. Tortura-me aquele lapso de tempo entre o abismo, em que parece que estou sozinha, e o momento da iniciativa de Deus que chega até mim. Porque aquele espaço é um poço sem fundo e falta-me a terra debaixo dos pés. Eu diria que é humano, creio que é a experiência de todos. Mas não me basta dizer isto. Tu nunca vives momentos em que te falta a terra debaixo dos pés? Também tu deves ter momentos em baixo, imagino. No entanto, não pareces nunca à beira do abismo, impaciente na cadeira. Inflamado sim, vi-te muitas vezes, mas nunca com o rosto tomado por uma angústia famélica, com uma sombra de vazio nos olhos, porquê?

Na tua opinião, porquê? Esta – vês? – é a passagem que é preciso perceber. Como passa através do humano, se passa através do humano.... Chegou até ti através do humano?
Sim.

Se quando passa através do humano nós não percebemos aquilo que passa através do humano, depois parece que, como tu dizes, se acende e se apaga, se acende e se apaga. Mas o que é que passa através do humano? Aquilo que passa através do humano é alguma coisa que se acende e se apaga? O que é que nos liberta de ficarmos à beira do abismo?

A propósito de nos darmos conta daquilo que acontece, de nos darmos conta de nós mesmos, de nos darmos conta de Cristo presente na realidade que afunda em cada instante as suas raízes no Mistério, parece-me que o problema é de um juízo. Mas a minha reação mesmo a meditada, não estou a falar de puro instinto de reação, corresponde sempre a um juízo que me parece só medida e o seu efeito no fim é de me deprimir e de me pôr mais uma vez no centro a mim mesma, uma mim mesma que nunca está à altura. Veio-me à cabeça quando um velho Padre me disse quando me fui confessar, que não se deve julgar nem mesmo a nós próprios, (como diz São Paulo na primeira Carta aos Coríntios). Por outro lado dou-me conta que há, por outro lado, um juízo, uma consciência da realidade que liberta e até às vezes intuo, ouvindo-te, que a Misericórdia maior é sermos feitos de modo tão objectivo que não podemos deixar de estar mal se uma coisa não nos corresponde. Que diferença existe entre estas duas modalidades de juízo? O que é que me ajuda a estar, a manter-me no juízo que me torna protagonista e vencedora? Obrigada por tudo.

Na tua opinião qual é a diferença de modalidade? No primeiro caso, no centro estás tu e isto deprime-te. Obviamente. No segundo caso, pelo contrário, captas o fundo da realidade, e esta consciência liberta-te. E isto «acende-se e apaga-se», ou está lá sempre? Porque é que está lá sempre? Porque tu existes, existe a realidade, por isso aquilo que nos faz viver no abismo é esta falta de juízo, porque – reparem naquilo que nos pode parecer uma banalidade – não colhendo o divino quando surge no humano que vem ao nosso encontro, então pensamos que é igual a tudo o resto; é por isso que quando se apaga o efeito sentimental, parece-nos que tudo acabou. A Sua presença só se apaga quando O identificamos com o nosso sentimento. Mas a que é que Giussani nos introduz constantemente? Ao facto de que a correspondência é sinónimo do divino ou seja de qualquer coisa que não se acende e se apaga, se acende e se apaga, se acende e

se apaga; existe! Caso contrário, nós não poderíamos dar uma razão adequada daquela diversidade que nós experimentamos através do humano. Por isso, se o juízo não é sobre Ele, e sobre o que surge no real, mas sobre nós próprios então não nos liberta. Por isso convém-nos aprender isto, amigos, convém-nos! Deus não é como nós pensamos, ou seja qualquer coisa que se acende e se apaga. Não é assim! Só o divino é que explica cada uma das coisas que contamos uns aos outros todas as vezes que nos vemos, temos que o admitir, porque sem a presença do divino não poderíamos dizer nada daquilo que dizemos, não o sonharíamos sequer, não passaria sequer pela antecâmara do nosso cérebro. Mas como isto não o percebemos, um instante depois é como se tivesse acabado e quando voltamos para casa, talvez até esta noite, sentimo-nos como no abismo. É preciso aprofundar esta passagem da EdC - «através do humano» – para perceber aquilo que existe naquilo que acontece. E quando parece que a Sua presença se apaga, temos que nos desafiar: apagou-se o divino ou esta é uma ocasião para mim para O reconhecer? Quando eu passo através da lama, quer dizer que não há ouro, ou que eu ainda não consegui reconhecer o ouro? Se uma pessoa não faz este trabalho então acaba mesmo no abismo. E por isso o sim de Pedro dá-nos de novo a chave. Porquê? Porque se Pedro olhar para si, se se puser no centro é normal – como tu dizes – que fique deprimido: depois de O ter negado pensa que será repreendido. Se pelo contrário no centro está a Presença que o abraça –Tu amas-Me? – então isto liberta-o. Como diz Giussani, é uma conversão de mim para um Outro que me pergunta: – Mas tu amas-Me? – É por isso que na Bíblia, sempre, através dos factos que tinham visto, todos os que pertenciam ao povo de Israel chegaram a esta clareza de juízo: «Pode uma mulher esquecer-se do seu filho, não sentir compaixão pelo fruto das suas entranhas? Pois ainda que ela se esquecesse, Eu, nunca te esquecerei.» (Is 49, 15). Isto é uma piada, é uma afirmação sem sentido ou é a única forma de explicar tudo aquilo que os olhos deles tinham visto? Isto é uma decisão da liberdade de O acolher ou de O rejeitar. Como escreve uma nossa amiga de longe que não pode vir, a propósito de uma situação particularmente desafiante: «Para mim é cada vez mais claro, até mesmo dadas as circunstâncias em que me encontro, que para viver e descobrir para que é sou feita, não é necessária nenhuma organização, estrutura ou clube ao qual pertencer, mas sim estar “na” realidade. Porque nada pode impedir que tu te dêes conta de tudo o acontece diante de ti, e que te deixes retomar por Aquele que te faz naquele instante. [Pareceria que não houvesse necessidade de um lugar e que bastasse a realidade]. E no entanto, foi precisamente esta descoberta que me fez tornar ainda mais desejosa de te seguir a ti e o centro do Movimento. [Porque é ali que eu sou educado constantemente para este reconhecimento, porque há uma história particular que me introduz a este reconhecimento das realidade; eu posso reconhecê-Lo até do outro lado do mundo mas tenho que ser constantemente educado para isto]. Cá está, eu peço para mim e para os meus amigos esta pobreza de espírito, a fim de que estejamos continuamente disponíveis a um verdadeiro seguimento. Porque vejo-a acima de tudo, para mim como a única possibilidade de um conhecimento cada vez mais profundo e seguro de Quem eu encontrei e de quem eu sou. Estou grata por este desejo que nasceu, uma vez que não pode ser outra coisa senão o fruto do trabalho que estamos a fazer». Como veem para conseguir encontrar o ouro na lama, é preciso atravessar a lama, é preciso sujar as mãos.

Queria contar-te o que aconteceu sábado à noite, porque me permitiu perceber aquilo que dizias sobre o preocupar-se mais com o ouro que a lama e sobre o facto de que o divino escolhe o humano para se comunicar. Eu estava a jantar com amigos, tinha uma grande expectativa sobre aquele jantar. Mas depois, quando cheguei, era muito difícil estar com eles, porque me parecia que o nosso modo de estar uns com os outros era

pouco relativamente àquilo que eu desejava. Eu estava a falar com um deles, e estava a queixar-me disto. Olhei-o no rosto e dei-me conta que ele também estava triste como eu, enquanto que todos os outros pareciam estar com umas caras felizes. Levado um pouco pela inveja – que em parte é boa, mas eu estava também irritado – fui ter com a amiga que nos tinha convidado, e disse-lhe de forma brusca: “sinto esta dificuldade”, e quase a acusei, a ela e aos outros, de não serem suficientes.

Atenção! Antes de mais nós atiramos o nosso mal-estar para cima dos outros!

A primeira coisa que me aconteceu, e que me deu ânimo, foi que os outros reagiram valorizando aquilo que eu tinha dito, reconhecendo que podia haver uma modalidade mais bonita de estarmos juntos, mas dizendo-me também porque razão na opinião deles, tinha valido a pena estar ali naquela noite. E impressionou-me uma, que eu aliás não conhecia, que disse que uma das razões pela qual, segundo ela, tinha valido a pena ter vindo era eu ter colocado aquela pergunta e revelado aquele mal-estar que eu tinha. Por isso, vendo-os a eles, que me tomavam a sério, seja reconhecendo o valor do meu contributo, seja sublinhando o erro que eu estava a cometer e propondo-me um trabalho, ou seja olhar para aquilo que existia, fez-me dar conta do que é que quer dizer procurar o ouro. Eu descreveria isto como entrar na realidade com um preconceito positivo, com um desejo cheio de esperança, porque a circunstância como aconteceu naquela noite, revela aquilo que desejo, e é portanto ocasião para encontrar a resposta. Porque se eu não sei aquilo que desejo, como é que eu posso intercalar aquilo que corresponde ao desejo? E impressionou-me o facto de que – como dizíamos antes – o divino comunica-se através do humano, porque se tornou evidente que Deus escolhe também os nossos limites para se mostrar, porque no fim daquela noite eu estava muito contente com tudo aquilo que tinha acontecido, mas para que isso acontecesse, foi preciso os limites dos outros e também a minha dificuldade (ou seja também a minha posição polémica diante eles). Por isso, foi necessário um passo meu de liberdade para reconhecer aquilo que eu desejo mais, mas também a minha modalidade polémica de pôr a questão foi instrumento, tanto que me agradeceram pela questão que coloquei. E impressionou-me, que eu não me senti justificado pelo erro que tinha feito, aliás a dor aumentou mais, mas ao mesmo tempo não sou condenado pelo meu erro.

Veem? Isto não é mecânico, como tantas vezes achamos. É dramático, é preciso empenharmo-nos a fundo. Isto é um exemplo do que eu relembra no início: «é esta passagem que somos chamados a perceber» ou seja «a potência de Deus passa através do condicionamento humano de que se serve» (p. 162), como os teus amigos. Mas se uma pessoa chega ao jantar e fica bloqueada, se não aceita fazer esta passagem, voltará para casa lamentando porque os outros não estiveram à altura do que ele imaginava ser necessário para serem testemunhas. Mas foi este trabalho, este empenho teu, que desbloqueou a noite: «Um explorador de ouro jamais se deteria perante a lama do leito do rio onde esperava encontrar pepitas. Procurava ouro e guiar-se-ia pela maior ou menor probabilidade de o encontrar [não é obvio que o encontre, também naquele jantar não o era], não pelas condições em que poderia chegar a possuí-lo». E Giussani continua: «É terrível pensar quão facilmente o homem, pelo contrário, se distancia do problema do seu destino, [e posso contentar-me em passar a noite mais ou menos bem, distanciando-me do meu desejo de felicidade do problema do meu destino] ao ponto de renunciar ao ouro por causa da lama que o acompanha [não captando o alcance destas frases fazendo uma meditação em abstracto, mas surpreendendo-as em acção numa experiência como aquela que acabou de ser contada] [...] [porque] é um problema de juízo: não se avaliou que aquilo que está em jogo é o ouro da vida» (p. 163). Por isso, uma pessoa como tu não se bloqueia, não se deixa bloquear. É esta a oportunidade que

cada tem: ou lamentar-se de tudo aquilo que os outros não fazem ou deviam fazer, ou implicar-se para descobrir o ouro que existe, (naquela noite, por exemplo). Não é que apareça e desapareça, existe! Mas é preciso sujar as mãos para O reconhecer. E isto implica a liberdade.

Fiquei muito impressionada com a parte da EdC sobre a liberdade, particularmente por causa de coisas que aconteceram ultimamente. Dei-me conta muitas vezes de factos que me correspondem, e que são belos, e no entanto, dou-me também conta que resisto muito mesmo dentro dessa correspondência, e por isso, muitas vezes, volto para casa triste; é como se ficasse sempre insatisfeita ainda que aconteçam muitas coisas. Por isso pergunto-me qual é, se existe, a estrada que pode educar esta liberdade, porque dou-me conta que perco tudo se continuar a agarrar-me à minha ideia das coisas.

Estão a ver, que ainda que a gente o saiba, não basta sabê-lo; porque só a experiência nos convencerá a não resistir e a saber porque é que nos convém resistir. Por isso é muito pertinente a pergunta que fazes: como educar-se a isto? Giussani lembra-nos disto num capítulo do *Sentido Religioso* que insiste precisamente sobre este ponto: em que consiste a educação para a liberdade. Essa educação implica três coisas. A primeira: “Uma educação à *atenção*“, aos factos que te acontecem, porque «não é por necessidade intrínseca que a atenção consegue o espaço de uma liberdade empenhada; não é automaticamente fácil prestar atenção». É a primeira questão, que a nós pode parecer uma banalidade: mesmo reconhecendo os factos, às vezes não damos a atenção a tudo aquilo que estes implicam, e por isso não somos capazes de superar a primeira resistência, a perceber todo o seu alcance. E por isso custa-nos tanto. Espanta-me, como dizia aos universitários, que o filho pródigo tenha querido ir-se embora de casa porque achava que estava a sufocar. O que é que lhe aconteceu para que, a um dado momento depois da experiência que fez, do caminho da vida que fez, lhe tenha surgido uma vontade doida de regressar a sua casa? Todo o problema da vida é aprender isto como tu dizes: não apenas a não resistir, mas a dar-se conta verdadeiramente do que é que é importante na vida. E isto é acima de tudo um problema de atenção; com efeito, como diz literalmente o Evangelho, o filho pródigo entra dentro de si e dá-se conta do seu próprio desejo. Segunda implicação: uma «capacidade de aceitação» porque «também não é automático o acolher uma proposta na sua integridade»; aceitar as coisas, porque nos educam a abraçar a realidade como nos é dada. Terceiro: «uma atitude justa diante da realidade». E «qual é a atitude justa diante a realidade? É permanência da posição originária em que a Natureza nos faz» (*O sentido religioso*. Verbo Ed., Lisboa 2008, p. 173-4), ou seja, a hipótese positiva de que se falava antes. Temos que entrar na realidade que não conhecemos completamente, ao contrário do que tantas vezes pensamos: o nosso amigo tinha uma expectativa positiva em relação àquela noite, e quando alguma coisa começou a não se encaixar empenhou-se e apresentou a questão do seu mal-estar. O real só pode revelar-se a quem se empenha com esta positividade. Se nós nos educamos partindo das coisas, respondendo à provocação da realidade, pouco a pouco vemos como esta atitude cresce em nós, e como não estamos sempre no nível zero. Espero que suceda sempre assim. Quando se entra na realidade com esta atitude, tudo é diferente, como diz uma amiga que não podia vir: “Estou num momento particularmente delicado no meu trabalho, com o risco de o perder, e isto nascer uma raiva; mas percebi logo que esta raiva não me ia levar a lado nenhum [uma pessoa perde sempre menos tempo quando evita as reacções de raiva, e então começa a surgir na

experiência aquilo que diz Giussani]. Naquela situação particularmente desafiante do trabalho estava em jogo uma coisa bem diferente do que a procura trabalhosa e inconclusiva de uma saída, estava em jogo a minha pessoa e a minha fé.» O homem facilmente se distancia do problema do seu destino: por um lado o problema do trabalho, por outro o problema do destino. Não! Se uma pessoa perceber que neste desafio não está simplesmente em jogo um aspeto da vida, mas a modalidade com que uma pessoa se põe diante da realidade, como diz don Giussani, então começa a intuir o que é o amor à verdade, o que é o amor ao ouro. A carta continua: «Simplesmente põe-me nesta posição [só o mudar de atitude, sem esperar que mude a circunstância, só o mudar a minha atitude, assumindo a posição mais verdadeira, não a mais fácil, ou a mais aparentemente “natural”] fez mudar tudo. Descubri a diferença abissal entre entrar nas circunstâncias difíceis cheia de mim, das minhas medidas, dos meus raciocínios, das minhas ideias, ou então cheia do pedido da Sua presença. Mudou tudo. Dei comigo preocupada mas não esmagada, cansada mas não desorientada, cansada mas certa, e por fim, com uma certa alegria. A comoção chegou ao máximo quando li na carta que o Papa Francisco te mandou: «esta pobreza é necessária, porque descreve o que temos verdadeiramente no coração: a necessidade d’Ele [...] num mundo lacerado pela lógica do lucro»; fiquei impressionada porque parecia ter sido escrita para mim». Cá está, é preciso deixar que a carta do Papa nos fale assim, não através de uma explicação, mas através deste palpitar, porque só assim a percebermos sem a reduzir. O homem, insiste Giussani neste capítulo do Porquê a Igreja, é cristão com toda a sua liberdade. Podemos aceitar os desafios que vemos, e implicar-nos de certa forma ou ficar bloqueados. Porque a mensagem cristã está ligada à seriedade e à capacidade moral do homem, não à minha capacidade de coerência, mas de ir atrás de toda exigência do meu coração, de toda a exigência de significado, de toda a exigência de felicidade, de ser eu próprio até ao fundo, de procurar o outro mais do que qualquer outra coisa. E quando um homem adere assim livremente, então torna-se instrumento do divino, que desafia qualquer medida humana.

Em relação aquilo que dizias antes, eu queria contar-te um episódio que me aconteceu no trabalho, onde pude ver bem como as pessoas à nossa volta se dão conta da nossa excecionalidade. Eu sou enfermeira, trabalho num serviço oncológico com outra amiga que também é do movimento. O nosso médico-chefe é um homem muito inteligente que se declara ateu de uma forma muito convicta e que, apesar disso e sabendo muito bem que nós somos do Movimento, olha para nós com uma estima e com um olhar impressionantes. Não perde uma ocasião para dizer que aquilo em que acreditamos não existe; mas ao mesmo tempo, também não perde nenhuma ocasião para perguntar a nossa opinião sobre as coisas. Há algumas semanas, este médico saiu do quarto de uma paciente terminal depois de lhe ter feito uma visita, veio à enfermeira onde estávamos eu e esta minha colega, e começou logo a desfiar-nos, dizendo-nos que o Paraíso não existe, que a senhora acabaria no nada dentro em pouco tempo e que nós estávamos iludidas em acreditar; começou a desafiar-nos dialeticamente. Nós as duas agarrámos logo a ocasião e começámos a responder-lhe com discursos; discursos justos, dizíamos coisas certas, mas foi impressionante porque ele, que é muito melhor do que nós na dialética, e estava quase divertido porque rebatia a tudo....

Quase que vos cilindrou!

Exacto.

Mas era só o primeiro round.

Si, sim, via-se que esperava o nosso juízo, mas não conseguia perceber...

Estava a provocar-vos.

Sim mas não captava nada de interessante naquilo que nós estávamos a dizer, não ficava preso aos nossos discursos. Depois aconteceu que, enquanto estávamos ali tocou o telefone. Era um colega de outro serviço que precisava de alguma coisa. A minha colega atendeu. o médico perturbou-se ouvindo-a falar agarrou-me no braço, como se estivesse mal disposto e disse-me: “Mas porque é que esta é tão simpática? Há nela alguma coisa que eu não me arrisco a explicar e que me deixa sempre agitado”.

Repete a frase que ele te disse.

“Mas porque é que esta é tão simpática? Há nela alguma coisa que eu não me arrisco a explicar e que me deixa sempre agitado”, a mim impressionou-me que ficasse perturbado por aquela coisa que não percebia.

É isto que faz saltar a medida. É isto que é preciso explicar, amigos. É isto: o divino que passa pelo humano. Não é que “se acenda e que se apague”. Não! Esta coisa que passa através de um momento e que nos sobressalta, é isto que é preciso explicar. Sem isso, estamos sempre à beira do abismo. Mas a questão não é quando estamos à beira do abismo é quando não captamos aquilo que outro capta, ou seja esta “coisa” que vai além da simpatia. O que é que é esta coisa que vai para além da simpatia?

*A mim impressionou-me também ver como nós somos dualistas diante daquilo que acontece. Eu estou convencida que as pessoas não precisam de discursos mas sim de uma presença. Eu estou convencidíssima disto, mas impressionou-me que, mal ele começou a provocar-nos, que eu lhe tenha logo proposto um discurso, a primeira coisa que nos lembrámos de fazer foi isto. Mas a coisa que depois me impressionou – vi-o na atitude da minha colega – é que nós estamos de tal forma em relação com Cristo que nos momentos normais, pela maneira como agimos, somos sinal de outra coisa, e não nos damos conta disso. Eu pensei nisto e disse-me: empenhei-me em explicar e Cristo não estava; depois a minha colega atendeu o telefone e o médico reagiu, perturbou-se. E vendo como ele se perturbou veio-me á cabeça a frase que tu dizes sempre: “O homem Jesus de Nazaré [...], este homem não o viam fazer um único gesto sem que a sua forma demonstrasse a consciência do Pai” (L. Giussani, «Un uomo nuovo», in *Tracce*, n. 3/1999, p. IX). A passagem nova que eu vivi é que esta coisa é libertadora; ou seja que as pessoas ficam impressionadas com o nosso modo de viver, que testemunha a nossa pertença a Cristo, é libertador, porque neste ponto cabe à sua liberdade dar o passo seguinte. Ver um homem tão convicto de ser ateu e ver nascer nele uma pergunta como aquela, uma pergunta simples («o que é que está para além desta simpatia?»), questionou muito a minha forma de viver. Perguntei-me: mas tu, Cristo, és assim tanto tudo para mim, que da forma como eu respondo ao telefone, o coração de um homem se pode tocar? Eu penso que a resposta a esta pergunta é a companhia maior que podemos fazer às pessoas. Ou seja: a pertença ao que nos aconteceu é a única companhia que podemos fazer às pessoas.*

Qualquer que seja a posição do outro, porque nada pode impedir que um homem se sobressalte diante de uma simpatia que tem em si “qualquer coisa”. Esta coisa para além da simpatia: eis o humano que se torna instrumento da comunicação do divino. É um caminho humano entusiasmante, que nos convida constantemente, que nos chama sem cessar a não ficar só no impacto sentimental e a procurar o ouro para além da lama.

Diante de um facto comovente, pôr-se a pergunta “De onde é que nasce quem mo está a dar?”, e portanto deixar-se surpreender pela Sua presença que o faz acontecer, é um método de conhecimento e de enriquecimento de si mesmo, que nos faz possuir o presente e, através da história particular deste presente, ultrapassa os limites do tempo

e do espaço. Porque eu – acontece-me sempre, aconteceu-me setenta vezes, e setenta vezes voltará a acontecer – detenho-me sempre no impacto sentimental, que depois desaparece, sob os golpes dos dias.

Mas atenção: aquilo que passa é o impacto sentimental, não Cristo, que nos sobressalta constantemente.

E por isso, na minha boca e na minha alma fica este sabor um pouco apodrecido de alguma coisa que morreu, que tu pensas que perdeste para sempre; pelo menos, é o que nos parece a nós, modernos, que nos concebemos reduzidos. Mas não é assim, porque encontrar no nosso coração o dom incómodo e ardente da pergunta, deixá-la explodir, deixar que o coração deixe de se endurecer e deixar que sofra, abre-o à possibilidade de se encher da Sua presença. Porque quando eu perdoo, sinto novamente arder o coração como aconteceu no tempo do nosso primeiro amor, e isto faz-me viver a Sua presença agora, e reconquista tudo, porque faz ressuscitar tudo o que eu tinha perdido no passado, volta a dá-lo e ressuscita-o. De facto, isto nasceu porque eu vi que não teria sido possível de outra forma que eu me comovesse com uma pequena festa de Natal, 23 dias depois dela ter acontecido, ao ler a Escola de Comunidade e fazendo memória dela! Durante esta festa eu até tinha tirado fotografias ao coro, um monte de fotografias, mas não me tinha comovido.

Não basta ser como aqueles turistas a tirar fotografias, mas que não se comovem.

Por isso, os limites do tempo são de alguma forma eliminados, vencidos. E também os limites do espaço, porque vê-se nas pessoas que aqui na EdC tu chamas a intervir ou que citas, que estão literalmente presas em todos os confins do mundo. Esta pergunta deixa que o coração seja atraído por aquilo que tu nos estás a dizer. Sentir esta dificuldade em seguir-te (porque está ligada ao percurso destas duas últimas EdC) torna entusiasmante a fé, viva a vida, e ferido o coração; o meu limite não O detém e Ele inventa verdadeiramente de tudo para me vir buscar exactamente a mim, procura-me a mim que quase sempre não O procuro dia e noite, dispersando-me na galáxia dos meus interesses – sempre que dizes isto eu sinto-me repreendidíssimo. Mas Ele volta a procurar-me. E por isso pude-me dar conta que ainda que eu não O procure, é Cristo que me procura. Nada é tão belo como esta dor e esta gratidão, nada é comparável a isto, porque é a potência que te dá o facto de te dares conta de seres amado incondicionalmente por Ele que volta e volta sempre. “Vem Senhor Jesus.” Finalmente disse-o. E isto é o que conduziu o meu caminho atrás de ti. Não te escondo que, embora a tua proposta seja cristalina, muitas vezes no limite da dureza, e por isso nunca saio de um encontro contigo sem levar na cabeça, tenho a impressão que muitas vezes entre nós esta pergunta é usada como o enésimo esforço do nosso coração que deve ser corajoso para esperar, sem se vergar ao facto de qua a nossa primeira e única actividade é, como descreve de forma fantástica Giussani, a “passividade” da nossa necessidade, do nosso nada que precisa do Tu e não pode fazer outra coisa se não reconhecê-Lo. Por isso muitas vezes sentes este ambiente que não é o calor de uma amizade, mas o gelo de um controlo: “Foste à Escola de Comunidade?”, “Pagaste o fundo comum?”, etc, que são tudo coisas úteis, mas que assim não são bonitas e tornam-se infelizmente uma maldição. E quase nunca encontro alguém que queira viver a dor da minha necessidade, ajudando-me a viver, a tornar-me consciente da nossa fome e sede d’Ele. Tu porém estás aqui. Só no caminho contigo, é possível enfrentar isto segundo uma perspectiva justa. Por isso, obrigado porque não me largas, porque tu não largas e por isso não nos largas. Há algum tempo surgiu-me a vontade – diante do contínuo e enfadonho stalking de quem te contesta com fortes sinais e que muitas vezes não está à procura da verdade mas só do seu reconhecimento – de escrever-te que estava contigo. Porém para mim são um pouco mais aborrecidos aqueles que te

dão sempre razão, como se fosse sempre normal e banal ir atrás de ti, como se fosse uma coisa fácil, business as usual. Hoje porém ao longo do caminho que nos fazes percorrer atrás de Giussani e do Papa, na senda do carisma, quero apenas dizer-te obrigado porque estás comigo. Porque vi mesmo que tu, como Jesus, estarias comigo, ainda que eu estivesse contra ti. E por isso obrigado e bom caminho.

Este é o caminho entusiasmante da vida.

A próxima Escola de Comunidade terá lugar a 22 de Fevereiro, às 20:00 (hora de Portugal).

Começamos um novo capítulo, “Uma missão da Igreja para com o homem terreno”. Vamos fazer os primeiros 5 pontos deste capítulo, da página 183 à 193.

Nenhuma intervenção retomou a última parte do capítulo precedente «Através do ambiente e do momento histórico-cultural» «O cristianismo não existe no mundo para esvaziar a dinâmica da evolução histórica, mas para comunicar aqueles valores [...] que, se forem salvaguardados, dão a qualquer evolução os instrumentos para se tornar mais útil como expressão do homem»; é exactamente sobre isto que tivemos tanta dificuldade em todo este ano. Que o início da luta contra a escravatura, tenha sido escrever uma carta, como faz São Paulo ao Filémon, é um belo desafio. Giussani dá outros exemplos para mostrar que “o valor que o cristianismo traz é algo que estima o homem como homem em qualquer circunstância. (p. 176) E isto significa que “a Igreja não se propõe certamente esvaziar os conteúdos que a evolução histórica introduz na vivência humana: a fé incide e determina a personalidade do sujeito que [...] usará [depois todos] os meios que os seus dotes pessoais e os condicionalismos históricos lhe sugerirem» (p. 179) Por isso peço-vos que retomem as páginas 175-181, percebendo o seu nexos com o capítulo seguinte. *Don* Giussani acrescenta: “Não é fácil aceitar isto, [nem sequer para nós o é] mas o anúncio cristão apresenta-se deste modo. (p. 179). “O Deus feito homem comunicou-se “dentro” de uma realidade humana, dentro de uma limitação histórico-cultural precisa. (p. 179); este é o método de Deus, diz *don* Giussani; se nós não percebemos isto, depois ficamos bloqueados em discussões inúteis, porque o problema não é quem vence na discussão, mas quem toma em consideração todos os fatores em jogo. Desta forma poderemos perceber muito melhor qual é a missão da Igreja para com o homem.

Esta noite ouvimos citar a carta do Papa Francisco. Chegaram-me pedidos de explicação. Eu não quero explicá-la, poderia tê-lo feito logo na primeira carta que vos escrevi enviando-vos o texto papal. Não quero ser eu a reescrever a carta que o Papa nos mandou, e por isso eu não disse nada sobre o conteúdo. É preciso que nos dêmos tempo para que os factos da experiência que vivemos nos façam perceber a carta. Encontraremos depois a forma de fazer uma síntese da experiência feita. Deixemo-la crescer diante dos nossos olhos, de forma a que a experiência nos ajude a compreender cada vez mais o alcance da carta do Papa.

O livro do mês para fevereiro-março é o romance de Louis De Wohl *La lancia di Longino* (Bur). O romance narra a história do centurião romano que atravessou com a lança o lado de Jesus na cruz. É a história de pessoas comuns, cada uma com as próprias dores, religiões e ceticismos que, num determinado momento (poderíamos ser também nós), por acaso, se deparam com Jesus, ainda que apenas com alguma palavra sua ou a narração de algum milagre, ou como quando Longino, com a lança na mão, está aos pés da cruz.

Convido-os a participar também como voluntários na Jornada do Banco Farmacêutico, que acontecerá em toda a Itália no sábado, dia 11 de Fevereiro. Nas farmácias que aderiram à iniciativa e que têm o cartaz afixado, será possível adquirir um ou mais medicamentos para o Banco, que serão doados para a assistência de muitos pobres que não têm condições de se tratar. Os pobres assistidos pelo Banco Farmacêutico são mais de catorze mil. Para o dia da Jornada são necessários muitos voluntários. Podem encontrar todas as informações no site do Banco Farmacêutico: www.bancofarmaceutico.org.

Veni Sancte Spiritus